



## RECALCULANDO A ROTÁ NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

### **O *Shopping* Popular de Feira de Santana e a fragmentação da paisagem sob a ótica da gentrificação**

#### ***The Popular Shopping Center of Feira de Santana and the Fragmentation of the Landscape through the Lens of Gentrification.***

##### **Michelle Moreira Bispo Marques**

Graduanda em Direito pela Universidade do Salvador-UNIFACS, bolsista Prouni, Brasil.

Estagiária da Vara Criminal da comarca de São Gonçalo dos Campos – BA, Brasil.

E-mail: [michelle.m.bispo.m@gmail.com](mailto:michelle.m.bispo.m@gmail.com)

##### **Liz Costa de Santana**

Doutoranda em Direito na Universidade do Pará, Brasil.

Docente do curso de Direito da Universidade Salvador (UNIFACS), Brasil.

E-mail: [lizcostasantana@gmail.com](mailto:lizcostasantana@gmail.com)

##### **Mariana Rodrigues da Costa Pinto de Carvalho**

Graduada em Direito pela Faculdade Anísio Teixeira, Brasil.

Docente do curso de Direito da Universidade Salvador (UNIFACS), Brasil.

E-mail: [marianadcostapinto@gmail.com](mailto:marianadcostapinto@gmail.com)

##### **Rodrigo Santos Guimarães**

Mestrando em ciências sociais pela UFRB, Brasil.

Graduado em direito pela Universidade Salvador (UNIFACS), Brasil.

E-mail: [rodrigoguimaraes@aluno.ufrb.edu.br](mailto:rodrigoguimaraes@aluno.ufrb.edu.br)

## **1 INTRODUÇÃO**

A cidade de Feira de Santana consolidou-se historicamente como o maior entreposto comercial do interior da Bahia, com forte ligação às feiras livres que moldaram sua paisagem urbana, sua economia e sua cultura. As feiras desempenharam papel fundamental na organização territorial e na formação de vínculos sociais, culturais e afetivos da população.

Nesse processo, a criação do Centro de Abastecimento, em 1976, representou uma intervenção urbana significativa, destinada a retirar comerciantes informais das ruas centrais, como a Marechal Deodoro, Sales Barbosa e a Avenida Senhor dos Passos, e concentrar em um espaço único o comércio varejista e atacadista da cidade (Dias, 2019). Desde então, o equipamento urbano tornou-se símbolo da centralidade comercial de Feira de Santana, fortalecendo o setor terciário e ampliando sua posição como polo de circulação econômica no Nordeste (Dias, 2021).

Contudo, com o avanço de políticas de modernização, especialmente a partir da década de 2010, o Centro de Abastecimento foi alvo de um projeto de requalificação que resultou na construção do Shopping Popular, inaugurado em 2019. Sob a justificativa de “organização” e “modernização”, essa intervenção remodelou a paisagem urbana, gerando tensões entre a



## RECALCULANDO A ROTA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

preservação da memória cultural e os interesses do capital.

É nesse cenário que se insere a problemática central desta pesquisa: analisar como o Shopping Popular, enquanto equipamento urbano consolidado nos últimos anos, intensifica a fragmentação da paisagem de Feira de Santana e reforça desigualdades sociais e raciais. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e documental, articulada a um lugar de enunciação situado, que valoriza a experiência de feirantes e suas vivências no espaço urbano.

## 2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

A relevância social desta pesquisa decorre do impacto direto do Shopping Popular de Feira de Santana sobre a vida de feirantes, em sua maioria pessoas negras e pobres, cujas práticas de trabalho foram deslocadas, precarizadas ou invisibilizadas. Como observa Dias (2019), o empreendimento foi legitimado pelo discurso de modernização e organização, mas acabou por desarticular práticas culturais e econômicas tradicionais do Centro de Abastecimento, contribuindo para a fragmentação da paisagem urbana. Além disso, a análise se torna necessária porque, passados 6 (seis) anos desde a inauguração do equipamento, é possível perceber os impactos consolidados da sua implementação, não apenas as expectativas ou promessas que o acompanharam Dias (2021).

Do ponto de vista acadêmico, o estudo contribui para o campo dos Direitos Humanos e da Justiça Territorial, ao examinar como políticas urbanas podem reforçar a racialização dos espaços e aprofundar desigualdades sociais. A pesquisa insere-se no Eixo 5 – Direitos Humanos e Justiça Territorial, propondo uma análise que integra memória cultural, território e exclusão social e justifica-se pela aproximação da autora com o universo pesquisado, isso porque sua mãe, tias, tios, primas, primos, avô e avó são feirantes, e, observando as problemáticas e nuances na rotina de trabalho das pessoas de sua família busca explorar a experiências e problemáticas de mulheres negras pontuado por Conceição Evaristo (2020).

Metodologicamente, justifica-se também pela aproximação de uma das autoras com o universo pesquisado, já que sua trajetória familiar é marcada pela presença de feirantes. Essa vivência é compreendida como um lugar de enunciação metodologicamente válido, na linha do que propõe Conceição Evaristo (2020) com o conceito de *escrevivência*. Ao articular experiência situada e fundamentação teórica, busca-se construir uma reflexão crítica que não se limita à observação acadêmica distanciada, mas incorpora vozes historicamente silenciadas.

Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar os impactos do Shopping Popular de Feira de Santana, inaugurado em 2019, como expressão da fragmentação da paisagem urbana e do apagamento cultural. Busca-se, de forma específica, resgatar a trajetória histórica das feiras e do Centro de Abastecimento, examinar os efeitos sociais, econômicos e culturais do Shopping Popular sobre feirantes, e discutir tais efeitos à luz das categorias de gentrificação e racialização dos espaços urbanos.

## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para analisar a fragmentação da paisagem do Centro de Abastecimento como pensamento de resistência constituinte, este estudo fundamenta-se em referenciais críticos que compreendem os movimentos sociais não apenas como atores reivindicatórios, mas como produtores de novas institucionalidades e formas de vida. A análise parte da compreensão de que a paisagem urbana é também uma paisagem cultural, resultado de práticas sociais, memórias coletivas e identidades que



## RECALCULANDO A ROTA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

se entrelaçam na configuração do espaço (Costa; Serres, 2016). Quando intervenções urbanas desconsideram esses elementos, corre-se o risco de provocar apagamentos culturais e de romper vínculos comunitários historicamente constituídos.

No caso de Feira de Santana, o processo de criação do Shopping Popular revela um discurso de modernização que encobre práticas de exclusão. Como observa Dias (2019), a justificativa oficial de “organização” e “modernização” resultou em deslocamentos de feirantes e artesãos para espaços controlados e menos acessíveis, o que contribuiu para a fragmentação da paisagem urbana e para a desarticulação de dinâmicas culturais e econômicas locais. Passados alguns anos, já é possível identificar os impactos consolidados dessa intervenção, que acentuaram desigualdades sociais e raciais (Dias, 2021).

Esse fenômeno pode ser interpretado à luz do conceito de gentrificação, entendido como a transformação de áreas populares em espaços voltados ao consumo e à lógica do capital, geralmente acompanhada pela expulsão simbólica ou material das populações de baixa renda (Leite, 2023). No caso de Feira de Santana, trata-se não apenas de deslocar comerciantes, mas de redefinir o espaço urbano de forma a excluir práticas populares e racializadas, reforçando processos históricos de marginalização.

Ademais, de acordo com Milton Santos (2001) a fragmentação é um processo que rouba das coletividades o seu próprio destino de modo que seus autores não o fazem de maneira a beneficiar a coletividade. Neste sentido é que a fragmentação da paisagem local da presente pesquisa demonstra um processo que beneficia uma parcela pequena da sociedade em detrimento dos feirantes, bem como uma maneira de invisibilização social e principalmente cultural.

Vale salientar que Clovis Moura (1977) aponta que após a abolição da escravidão no Brasil grande parte da população negra não teve acesso às fontes de trabalho devido as barreiras sociais, o que mais tarde poderia ser conceituado como racismo institucional por Muniz Sodré (2023), o que restou foi o subemprego, o qual de acordo com o autor não oferece nenhum tipo de estabilidade. O movimento do autoemprego no Centro de Abastecimento reflete ainda os processos históricos de marginalização no país, além da instabilidade que parte da gestão governamental no que tange às mudanças radicais a exemplo do shopping popular sem observar as reais necessidades dos feirantes.

## 4 METODOLOGIA

A pesquisa encontra-se em andamento e adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise bibliográfica, aliada a uma perspectiva situada que valoriza a experiência de sujeitos historicamente marginalizados. O percurso metodológico inclui revisão bibliográfica e análise documental, já em desenvolvimento, a partir de legislações urbanísticas, relatórios institucionais, reportagens de jornais locais e artigos acadêmicos que tratam das transformações recentes no comércio popular e na paisagem urbana.

O recorte temporal definido abrange o período de 2019 a 2025, correspondente ao intervalo entre a inauguração do Shopping Popular e o presente. A escolha desse marco tem como finalidade analisar os impactos consolidados do equipamento urbano, observados ao longo dos anos posteriores à sua implementação de forma que possibilite compreender como a requalificação do espaço urbano transformou a dinâmica do comércio popular, fragmentou a paisagem e aprofundou desigualdades sociais e raciais em Feira de Santana, com ênfase nos efeitos sentidos no cotidiano de mulheres negras atuantes como feirantes.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota um reconhecimento da vivência e se



## RECALCULANDO A ROTA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

ancora no conceito de escrevivência, formulado por Conceição Evaristo (2020), que legitima a experiência situada como fonte de análise crítica. A inserção da vivência de uma das autoras no universo das feiras permite articular memória, subjetividade e teoria, reforçando a necessidade de valorizar vozes historicamente silenciadas. Essa abordagem contribui para deslocar o olhar acadêmico tradicional, ampliando a reflexão sobre memória cultural, justiça territorial e direitos humanos.

## 5 GENTRIFICAÇÃO, RACIALIZAÇÃO E JUSTIÇA TERRITORIAL EM FEIRA DE SANTANA

### 5.1 Contexto histórico

“Sant’Ana dos Olhos d’Água” foi o nome da propriedade rural a qual posteriormente deu origem à cidade de Feira de Santana e ficou conhecida como ponto de parada de tropeiros, viajantes e boiadas que se direcionavam aos sertões baianos conforme Ana Maria Carvalho (2008), com isso, a cidade se desenvolveu de maneira progressiva por meio de atividades comerciais a exemplo do gado e das feiras.

Com a modernização ao longo do tempo, bem como o crescimento acelerado e desordenado da malha urbana, atividades como por exemplo indústria e logística impulsionaram diversificação econômica na região popularmente conhecida como “Princesa do Sertão”. Apesar do Centro de Abastecimento, de maneira análoga ao *Shopping* Popular, os feirantes foram afastados das tradicionais ruas da cidade.

De acordo com Araujo (2025) intervenções urbanísticas moldam o espaço urbano e, com a transferência da tradicional feira livre do centro da cidade para o Centro de Abastecimento em 1977, alterou a dinâmica da cidade ao retirar a feira das avenidas centrais, como a Getúlio Vargas e a Senhor dos Passos, com a justificativa de reorganizar do comércio formal no centro tradicional.

O movimento de fragmentação dos espaços tradicionais da cidade de Feira de Santana observado em 1977 se repetiu de forma similar em 2019 com o advento do *Shopping* Popular, isso explica a influência da produção capitalista e modernização na dinâmica territorial no referido centro urbano, o deslocamento das feiras livres para outra localidade, sob a justificativa de “organização” é um discurso que promove o apagamento cultural.

### 5.2 Gentrificação e fragmentação da paisagem

De acordo com Leite (2023) o processo de gentrificação transforma antigas áreas residenciais ou industriais em locais valorizados, voltados ao consumo e moradia das classes médias e altas, o que frequentemente resulta no deslocamento de populações de baixa renda para regiões periféricas. Nesse sentido, é que podemos observar como afastamento dos feirantes das principais ruas da cidade trata-se de uma verdadeira violação às práticas, os saberes e memória social de Feira de Santana seja em 1977 seja em 2019.

Apesar do trabalho nas feiras nas décadas de 1870 e 1880, no momento pós escravatura este espaço constituiu muitas possibilidades para as mulheres negras trabalharem e conquistarem a sua liberdade conforme a pesquisa de Karine Damasceno (2019). No entanto, a mudança da tradicional feira livre do centro para o Centro de Abastecimento, ocorrida em 1977 modificou completamente a maneira de organização dos trabalhadores da Princesa do Sertão, de modo a gerar novas desigualdades socioespaciais, que levam à gentrificação e ao desaparecimento da cultura africana sob o pretexto de reorganizar o comércio local.



## RECALCULANDO A ROÇA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

Ademais, a problematização do *Shopping* Popular e a fragmentação da paisagem reforça a importância de criticar o apagamento das comunidades negras, e, por outro lado, valorizar suas tradições e cultura. Segundo Sánchez (2025) é preciso propor uma virada epistemológica que desafie as narrativas dominantes, como por exemplo influência da produção capitalista na imposição de novos cenários e os processos urbanísticos que marginalizam essas populações.

### 6. SÍNTESE PARCIAL DA PESQUISA

As análises desenvolvidas até o momento permitem indicar que o Shopping Popular de Feira de Santana, inaugurado em 2019, consolidou-se como um marco de fragmentação da paisagem urbana e de aprofundamento das desigualdades sociais e raciais na cidade. Observa-se, a partir da literatura e das evidências preliminares, que o deslocamento dos feirantes para um espaço controlado e privatizado não apenas transformou a dinâmica do comércio popular, mas também contribuiu para o apagamento de práticas culturais e memórias coletivas que historicamente conformaram a identidade do município. Tais efeitos parecem incidir de maneira mais intensa sobre a população negra e pobre, em especial as mulheres negras, cuja presença nas feiras foi historicamente central para estratégias de sobrevivência e autonomia (Damasceno, 2019).

Os dados já levantados sugerem que políticas urbanas legitimadas sob o discurso de “organização” e “modernização” operam como mecanismos de gentrificação e racialização do espaço urbano, aproximando o caso de Feira de Santana de processos já analisados em outros contextos (Leite, 2023; Rolnik, 2015).

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, as conclusões aqui apresentadas têm caráter parcial e exploratório. Pretende-se aprofundar a análise documental e discursiva acerca da atuação do poder público no período de 2019 a 2025, de modo a evidenciar com maior evidência os mecanismos institucionais que têm contribuído para a marginalização de feirantes e para a exclusão de suas práticas do espaço urbano. Com isso, espera-se contribuir para o debate sobre direitos humanos e justiça territorial, apontando para a urgência de políticas inclusivas que respeitem a memória, a cultura e a dignidade das populações historicamente vulnerabilizadas.

### REFERÊNCIAS

Nova referência que Mari disse

ARAUJO, Maria Clara Haywanon Santos. *Feira de Santana e a análise espacial de sua evolução urbana*. 2025. 141f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Sergipe, Campus de Laranjeiras, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Laranjeiras, 2025.

COSTA, Luciana de C. N.; SERRES, Juliane C. P. Paisagem Cultural: discussões contemporâneas por um (novo) olhar para o patrimônio cultural. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 52, n. 1, p. 35-44, 2016.

DAMASCENO, Karine Teixeira. *Para serem donas de si: mulheres negras lutando em família (Feira de Santana, Bahia, 1871-1888)*. 2019. 244f. Dissertação (Mestrado em História) –



## RECALCULANDO A ROTA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

Universidade de Salvador, Salvador, 2019.

DIAS, Angelo Azevedo Guimarães. O novo Shopping Popular Cidade das Compras, o que aconteceu em Feira de Santana/BA?. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], v. 1, n. 105, p. 40–66, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1986>. Acesso em: 30 set. 2025.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

LEITE, Rogério P. Counter uses of the city: cultural consumption and gentrification. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 15, p. 3148-3170, 2023.

MOURA, Clóvis. *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* São Paulo: Editora Conquista. P. 31. 1977.

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

SÁNCHEZ, Fernanda; LIMA DE ONOFRE, Gabriela; PIERRE, Calin Jean; FIGUEIREDO, Marcele da Silva; CORRADI, Rafael Alves. *Apagamento e re-existência: disputas de memória e disputas de lugar na "Pequena África" - RJ*. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional foi adiado. 21 ed. Curitiba. UFPR. 2025.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record. P 80-81. 2001.

SOUZA, Eder Cláudio Malta. *Da patrimonialização à gentrificação: recomposição turística na cidade do Rio de Janeiro (2012-2023)*. *Interfaces Científicas – Humanas e Sociais*, v. 12, n. 2, p. 200-214, 2024. DOI:10.17564/2316-3801.2024v12n2p200-214. [periodicos.set.edu.br](http://periodicos.set.edu.br)